

Isabela Reis: ‘Base da pirâmide sociorracial, as mulheres negras vivem o pior que o país tem a oferecer’

Jornalista analisa a situação das mulheres negras brasileiras a partir do histórico discurso em que a ex-escrava Sojourner Truth, nos EUA de 1851, questionou: ‘Não sou eu uma mulher?’

[\(O Globo, 20/11/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Quando questionou “**não sou eu uma mulher?**” durante uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851, **Sojourner Truth** não calou apenas os homens que tentavam inviabilizar a luta pelo direitos das mulheres, silenciou também as feministas brancas que vaiaram quando a ex-escrava posicionou-se para discursar.

No mesmo ano em que Sojourner vociferava contra aqueles que se recusavam a permitir que mulheres negras norte-americanas tivessem direito a educação e ao voto, no Brasil, as escravizadas ainda eram animalizadas e tratadas como mercadoria por mulheres e homens brancos escravocratas. Somente em 1888, após séculos de pressão e resistência negra, o Brasil aboliu formalmente a escravidão em uma assinatura que condenou a população negra às margens e manteve os brancos onde sempre estiveram: no poder.

De 2007 a 2017, o número de homicídios de mulheres negras aumentou em 60% no Brasil. O crescimento para mulheres não negras foi de 1,7%. As mulheres pretas recebem menos anestesia local quando a episiotomia - corte no períneo para facilitar a saída do bebê durante o parto vaginal - é realizada. Mulheres brancas recebem 75% da renda média dos homens brancos, as negras, apenas 43%. A taxa de desemprego entre mulheres negras é de 16,6%. Entre brancas, 11%.

VÍDEO:

‘Quem nunca foi chamada na escola de cabelo de bombril?’ questiona a colunista do Globo Flávia Oliveira. Ela e outras mulheres negras da redação de O Globo e Extra, jornalistas ou não, contam neste vídeo como foi o processo de aceitação do cabelo natural, marcando o dia internacional da mulher negra latino-americana e caribenha, em 25 de julho.

Não são percepções subjetivas, são dados estatísticos do Atlas da Violência 2019, do estudo “A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil” 2017 da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz) e da Pesquisa Nacional de Domicílios Contínua trimestral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), respectivamente.

Como vivem as mulheres negras? Sendo a base da pirâmide sociorracial brasileira, vivem o pior que o país tem a oferecer.

A empatia é palavra invisível na prática. Sororidade de mulheres brancas com negras é item de colecionador, raríssimo. O que garante a sobrevivência de pretas e pardas nesse país historicamente hostil é o conceito de dororidade, cunhado pela intelectual Vilma Piedade, a solidariedade e aliança entre mulheres negras que surge a partir de experiências dolorosas com o racismo.

Negras continuam ansiando por movimentos de diversidade interseccionais, ou seja, que além de questionar os papéis de gênero, pensem principalmente em como raça e classe são determinantes para a vivência em sociedade.

Enquanto isso, fico com Martin Luther King que afirmava que “a compreensão superficial das pessoas de boa vontade é mais frustrante do que a incompreensão absoluta daqueles de má vontade. A aceitação indiferente é mais desconcertante que a rejeição direta.”

Não é mais somente sobre representatividade. Além de condições de sobrevivência e qualidade de vida, faltam proporcionalidade e cadeiras cativas nos espaços de poder. É tempo de largar o osso.

Por Isabela Reis